

Desemprego cai 0,6 ponto percentual no DF

Rodrigo Ledo
de Brasília

A queda na procura por trabalho e o aumento do número de empregos na construção civil, comércio e serviços reduziram a taxa de desemprego do DF de 21,6% em abril para 21% em maio. Nesse mês, segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), divulgada ontem pela Secretaria de Trabalho e Dieese, a capital federal seguiu tendência nacional de melhoria da economia e registrou 185,3 mil desocupados contra 191,9 mil em abril. O aspecto negativo foi a queda da renda média para assalariados e ocupados.

De acordo com os cálculos do Dieese, maio teve um saldo positivo de 3,7 mil empregos gerados. Apesar da eliminação de 4,4 mil ocupações na administração pública e 1,5 mil na indústria de transformação, o setor de serviços criou 4,7 mil postos de trabalho, com mais 2,6 mil novos empregos no comércio e 1,6 mil na construção civil.

"O DF acompanhou a tendência nacional de melhora na economia, em função da redução de juros e aquecimento do mercado. Comparando com anos anteriores, a construção civil e o comércio, que teve quedas sucessivas nos últimos períodos de 12 meses, melhoraram bastante os resultados", explicou Mário Magalhães, técnico da Diretoria de Planejamento da Secretaria de Trabalho.

Na comparação com o mesmo período do ano passado, o número de desempregados caiu de 198,7 mil (22,6% da PEA) para 185,3 mil (21%). A construção civil registrou a melhoria mais significativa, de 22,5%, ou 5,5 mil postos de trabalho a mais. O comércio gerou, desde maio de 99, mais 5,7 mil ocupações, 6% a mais. A

maior queda ficou com a indústria de transformação, com eliminação de 4 mil empregos - diminuição de 14,5%.

A diminuição da População Economicamente Ativa (PEA) no DF também contribuiu para a queda na taxa de desemprego. Em abril, a PEA foi calculada 886,6 mil pessoas, contra 883,7 mil em maio, com número de desempregados passando de 191,9 mil para 185,3 mil pessoas. "Vários fatores diminuí-

ram o número de pessoas que procuravam emprego, como a distribuição de cestas básicas do governo para 100 mil famílias carentes. Além disso, muitas pessoas deixam de pressionar o mercado quando membros da família arranjam emprego", argumentou Mário Magalhães.

Os longos meses de economia em baixa, no entanto, afetaram o nível de renda dos assalariados (trabalhadores com carteira assinada) e ocupados.

A PED apontou queda de 2,1% no rendimento de assalariados e 1,1% para autônomos. "Como as pessoas vinham procurando emprego há muito tempo, o mercado se sentiu à vontade para oferecer remuneração menor. Outro fator foram as negociações salariais em 1999 que não repuseram a inflação para a maioria das categorias", observou Lílían Arruda, supervisora regional do Dieese no DF.